

## O CARÁTER MORAL DO HIV/AIDS E SEUS REFLEXOS DE ESTIGMA E PRECONCEITO NAS ESCOLHAS DE PESSOAS VIVENDO COM HIV/AIDS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Amanda Pinho Fernandes<sup>1</sup>; José Augusto Carvalho de Araújo<sup>2</sup>; Jaqueline Dantas Neres Martins<sup>3</sup>; Elizandra Silva de Carvalho<sup>4</sup>; Carmem Lúcia Pacheco Sena<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Graduando, Universidade do Estado do Pará (UEPA);

<sup>2</sup>Doutorado Sociologia, UEPA;

<sup>3</sup>Graduando, UEPA;

<sup>4</sup>Graduando, UEPA;

<sup>5</sup>Graduando, UEPA

amanda.pinhofernandes05@gmail.com

**Introdução:** O vírus da imunodeficiência humana, HIV, se apresentou, e ainda se apresenta, como uma infecção mortal, entretanto, mesmo após avanços nas pesquisas sobre o HIV/AIDS ainda há pessoas que o definem como sinônimo de morte (1). E apesar de tal mortalidade não está diretamente ligada ao HIV/AIDS ele passa a apresentar não somente um caráter mortal, como também um caráter moral(2). O primeiro caso da síndrome da imunodeficiência humana ocorreu nos estados unidos, em 1981, quando um grupo de homens homossexuais começaram a apresentar casos de Sarcoma de Kaposi e pneumonia por Pneumocystiscarinii, em tal época, sem muitos conhecimentos a cerca de contaminação e prevenção do vírus e sua síndrome, o HIV/AIDS chegou a ser conhecido(a) como “ praga gay” , “ peste gay” ou “ câncer gay” , tal nomenclatura culminou a criação de uma imagem pejorativa do HIV/AIDS, tratando-o como uma punição ou castigo a comportamentos errados, assumindo assim seu caráter moral (2). Mais tarde foram classificados como grupos de risco homossexuais, profissionais do sexo, usuários de drogas e hemofílicos, baseando-se na forma de transmissão do HIV. Tal classificação carregava o conceito de um símbolo, daqueles que possuem práticas erradas e por isso propagam a AIDS e assegurava as pessoas que não se enquadravam em tais grupos de estarem livre da infecção, sendo tal conceito de grupos de risco seguido até hoje por diversas pessoas, destacando assim uma representação social em relação a pessoas vivendo com HIV/AIDS, ainda as associando a comportamentos errados (2). O HIV destacou-se mundialmente por acomete as células TCD4+, fragilizando o sistema imunológico de um indivíduo contaminado (3). Tal infecção apresenta uma fase sintomática denominada AIDS, caracterizada pelo o baixo número dos linfócitos TCD4+, que culminam na baixa resistência da pessoa contaminada(4). E importante aclarar que o vírus e a síndrome estão ligados, porém existem diferenças entre eles, nesse caso uma pessoa que contenha o vírus não necessariamente possui a síndrome(3). **Objetivos:** Relatar a experiência de estudantes de Enfermagem sobre como as pessoas que vivem com o HIV/AIDS, lidam com a questão estigma e preconceito em um serviço de assistência especializado em HIV/AIDS. **Descrição da Experiência:** Este relato foi desenvolvido a partir das Atividades Integradas em Saúde (AIS), realizadas por acadêmicos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade do estado do Pará (UEPA), que utiliza a Metodologia da problematização com o Arco de Magueréz, partindo da observação de um centro em assistência especializada em HIV/AIDS, em Belém, Pará. O Arco de Magueréz é uma metodologia ativa a qual proporciona ao acadêmico a formação para um profissional crítico e reflexivo, promovendo autonomia. Tal metodologia segue um contexto de cinco etapas: observação da realidade e definição de um problema, pontos-chave, teorização, hipóteses de solução e aplicação à realidade (5). Com o uso do Arco, partindo de uma observação não sistemática do local, foram obtidas informações a cerca

de perfil sócio econômico e agravo da condição de infecção de cinco usuários, norteando um retorno ao centro para seguimento de uma nova conversa informal, a qual recolheria informações a cerca da descrição do agravo da condição da infecção, acesso a serviços utilizados na unidade, estigma e preconceito, onde participaram quinze usuários, totalizando vinte participantes, de faixa etária entre 16 a 54 anos e escolarização de fundamental incompleto a superior completo para a realização deste relato. A partir da análise das informações obtidas e a teorização acerca do HIV/AIDS foram elaborados possíveis instrumentos para lidar com o estigma e preconceito, vivenciado por estas pessoas, como retorno a realidade. **Resultados:** Com base do envolvimento dos discentes com os usuários foi perceptível a dificuldade em conversar sobre HIV/AIDS, seja no quesito estigma e preconceito, como em outras abordagens, muitos usuários se negaram a conversar com os acadêmicos, relatando estar acompanhando alguém, estar de saída ou não possuir envolvimento com o local. Além de tal resultado notou-se que dos vinte participantes apenas três não mantinham o sigilo de sua condição, os demais optavam por não contar ou revelar apenas a uma pessoa íntima, por medo de julgamentos e taxações como pessoas de condutas erradas, pecadoras e homossexuais. Também foi manifestado nos depoimentos dos participantes o quanto a AIDS é associada à morte, segundo eles constantemente muitos não conseguem entender os mecanismos da doença e acabam ligando a AIDS a sua alta taxa de mortalidade. No âmbito das relações sociais os participantes relataram serem associados a marginais, pessoas com pouco grau de formação e profissionais do sexo. Também foi discutido entre os discentes e participantes formas e instrumentos que dessem maior liberdade as pessoas que vivem com HIV/AIDS, alguns usuários afirmaram participar de grupos e ONGs, que informavam não somente a cerca da questão estigma e preconceito. Outra ferramenta levantava foi à utilização das redes sociais, as quais os usuários podem manter seu anonimato, e discutir com diversas pessoas, tanto da região metropolitana de Belém quanto de outros estados e países. Chegou-se a uma conclusão de que apesar de se ter estudos, ainda há falta de conhecimento sobre o HIV/AIDS, tanto por parte das pessoas vivendo com HIV/AIDS, mas principalmente de pessoas não infectadas pelo vírus. Uma das propostas mais discutidas para intervir em tal situação foi à sensibilização, por meio de campanhas, palestras, comerciais, com informações de fácil entendimento para desmistificar algumas informações errôneas a cerca do vírus, aclarando tantas as informações mortais quanto às informações morais do HIV/AIDS. **Conclusão ou Considerações Finais:** A partir de tais pontos, foi possível demonstrar o quanto o preconceito e o estigma ainda estão ligados ao HIV/AIDS, demonstrando também o medo de algumas pessoas vivendo com HIV/AIDS de lida com tais praticas pejorativas verificou-se a o quanto o medo do preconceito ainda estão presente nas pessoas vivendo com HIV/AIDS, além da carência de informações a respeito do vírus, foi possível reunir informações a respeito de como lidar com tal condições e ferramentas para diminuir o “ caráter moral” que a AIDS carrega.

**Descritores:** de imunodeficiência adquirida, HIV, Preconceito.

#### **Referências:**

1. Souza FMS, Santos AG, Stedile L, Araújo E, Saldaha AAW, Silva j. Interiorização da AIDS: representações sociais de residentes de cidades rurais. 4º congresso Ibero-Americano em Investigação; 2015 Ago 5-7; Universidade Tiradentes. Aracajú, Brasil; 2015. p. 64-8.

2. Almeida MA, Braga CF. O estigma da aids e o preconceito contra homossexuais: o estudo da discriminação contra homossexuais segundo a teoria das representações sociais. *Comunicação, cidadania e cultura*. 2015:95-105.
3. Brasil, Ministério da saúde, Departamento de vigilância, prevenção e controle das IST, do HIV/AIDS e das hepatites virais. O que é HIV. 2017 [acesso em 26 Ago 2017]. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-e-hiv>.
4. Brasil, Ministério da saúde, Departamento de vigilância, prevenção e controle das IST, do HIV/AIDS e das hepatites virais. Sintomas e fases da aids. 2017 [acesso em 26 Ago 2017]. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-e-hiv/sintomas-e-fases-da-aids>.
5. Berbel NAN. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. *Semina*. 2011;32(1):25-40.